

Devorando a cena: A justiça epistêmica na cena teatral contemporânea ludovicense

MICHELLE CABRAL
RAYLSON CONCEIÇÃO

Michelle Cabral é Artista, docente e pesquisadora permanente do Programa de Pós Graduação em Artes Cênicas - PPGAC/UFMA e do curso de Licenciatura em Teatro do Departamento de Artes Cênicas da Universidade Federal do Maranhão - UFMA. Atriz, palhaça e diretora teatral. Tem Pós-Doutorado em Artes Cênicas pela Universidad de Zaragoza-UNIZAR na Espanha. É Doutora em Comunicação Social pela PUC/RS e Mestra em História Comparada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro-UFRJ. Bacharel em Artes Cênicas-Direção Teatral pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro- UNIRIO. Coordena os projetos de pesquisa Teatro e Intermidialidade - Dos Palcos à Tela da TV: conexões entre a arte e a comunicação e o URBANITAS- Laboratório de Investigação Cênica em Teatro, Circo e Cidade.

Afiliação: Universidade Federal do Maranhão

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3682376794834169>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1581-810X>

Raylson Conceição é aluno bolsista Capes do curso de doutorado em teatro na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Anteriormente, concluiu mestrado em Artes Cênicas na linha de pesquisa "Pedagogia das Artes Cênicas, Recepção e Mediação Cultural" pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA), onde desenvolveu o estudo chamado "O ENCONTRO: do acontecimento a um olhar atento - o espetáculo O Miolo da Estória", defendido em setembro de 2021. Possui graduação em Teatro pela UFMA (2017) e especialização em Arte, Mídia e Educação pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão (IFMA) (2021).

Afiliação: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3331782096424929>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5188-1261>

• RESUMO

Este estudo examina as transformações estéticas e metodológicas nos grupos de teatro locais que criam peças teatrais com base no folclore maranhense, bem como em questões étnico-raciais e de gênero. O quadro teórico adotado inclui conceitos como a “antropofagia” de Oswald de Andrade, o “pensamento abissal” e o “epistemicídio” de Boaventura Santos, a “violência epistêmica” e a “injustiça epistêmica” de Elizabeth Spelman e Miranda Fricker, respectivamente, além do “deslocamento epistêmico” de Lîla Bisaux. A aplicação do conceito de antropofagia na análise da cena teatral contemporânea de São Luís do Maranhão ressalta a relevância da justiça epistêmica ao reconhecer a diversidade de saberes e práticas culturais, evitando assim a exclusão de vozes e perspectivas marginalizadas.

• PALAVRAS-CHAVE

Antropofagia. Grupos teatrais. Violência epistêmica. Injustiça Epistêmica. Epistemicídio.

• ABSTRACT

This study examines the aesthetic and methodological transformations in local theater groups that create theatrical plays based on Maranhense folklore, as well as ethnic-racial and gender issues. The theoretical framework adopted includes concepts such as Oswald de Andrade's “anthropophagy”, Boaventura Santos's “abyssal thinking” and “epistemicide”, Elizabeth Spelman's “epistemic violence”, and Miranda Fricker's “epistemic injustice”, as well as Lîla Bisaux's “epistemic displacement”. The application of the concept of anthropophagy in the analysis of the contemporary theatrical scene in São Luís do Maranhão emphasizes the relevance of epistemic justice by recognizing the diversity of cultural knowledge and practices, thus avoiding the exclusion of marginalized voices and perspectives.

121

• KEYWORDS

Anthropophagy. Theater groups. Epistemic violence. Epistemic injustice. Epistemicide.

APERITIVO

Este artigo examina a estética e a metodologia de alguns espetáculos teatrais contemporâneos na cidade de São Luís¹, Maranhão, sob a perspectiva da antropofagia de Oswald de Andrade (1970). O objetivo é ilustrar a antropofagia como uma ferramenta para entender as mudanças estéticas e metodológicas em alguns grupos teatrais de São Luís, que constroem espetáculos ao incorporar elementos do folclore local e questões étnico-raciais e de gênero.

Para processar as ideias apresentadas neste estudo, recorreremos às noções de antropofagia de Oswald de Andrade. Ele sustentava que a cultura brasileira deveria “devorar” e assimilar influências estrangeiras, transformando-as em algo autenticamente brasileiro. Além disso, outros conceitos significativos podem ser aplicados para um entendimento mais profundo das questões epistemológicas envolvidas.

Um desses conceitos é o “pensamento abissal”, proposto pelo filósofo português Boaventura de Sousa Santos. Refere-se à tendência predominante de hierarquizar o conhecimento, priorizando as formas de conhecimento produzidas pelos poderes hegemônicos em detrimento dos conhecimentos populares e das comunidades marginalizadas. Esse pensamento abissal gera desigualdades epistêmicas e perpetua a exclusão de certos grupos sociais do processo de produção de conhecimento.

Outro conceito relevante é o de “violência epistêmica”. A expressão foi cunhada pela filósofa feminista americana Elizabeth Spelman (1982) e também usada por Santiago Castro-Gómez (2005). A ideia subjacente ao termo subentende que as práticas e crenças que desumanizam e subjagam as mulheres são parte de um sistema mais amplo de violência perpetuada através do conhecimento e da produção de conhecimento. A violência epistêmica, portanto, diz respeito a uma forma de violência exercida por meio da produção, distribuição e utilização de conhecimento que subordina determinados grupos a outros. O termo tem sido adotado por muitos acadêmicos feministas para analisar e criticar várias formas de opressão, incluindo sexismo, racismo e homofobia.

1 Ludovicense é um adjetivo relativo à pessoa natural da cidade de São Luís, capital do estado do Maranhão, Brasil. Assim, “cena teatral contemporânea ludovicense” se refere à cena teatral contemporânea da cidade de São Luís.

A “injustiça epistêmica”, conceito fundamental na teoria crítica e na epistemologia feminista criado pela filósofa britânica Miranda Fricker (2007), refere-se à desvalorização ou desconsideração do conhecimento ou da credibilidade de uma pessoa com base em preconceitos ou estereótipos sobre sua identidade social (como raça, gênero, orientação sexual, classe social, entre outros). Fricker (2007) argumenta que a injustiça epistêmica é um problema ético e epistêmico que deve ser abordado através do desenvolvimento de duas virtudes: a justiça testemunhal e a justiça hermenêutica.

A justiça testemunhal refere-se à disposição de escutar pessoas que geralmente são desacreditadas, ignoradas ou silenciadas em razão de preconceitos ou estereótipos. Isso envolve reconhecer que as pessoas podem ter perspectivas e experiências diferentes das nossas e que o seu conhecimento pode ser valioso e relevante. Por outro lado, a justiça hermenêutica diz respeito à capacidade de interpretar corretamente o que os outros estão expressando e compreender o seu ponto de vista em seu próprio contexto cultural, histórico e social. Isso implica reconhecer que as pessoas podem ter formas diferentes de se expressar e que suas experiências e conhecimentos podem ser influenciados por fatores contextuais.

Este conceito associa-se ao de “epistemicídio”, proposto pelo sociólogo português Boaventura de Sousa Santos (2007), que emprega esse termo para descrever a exclusão sistemática de conhecimentos, saberes e perspectivas de grupos sociais marginalizados e oprimidos. Compreende-se, assim, o epistemicídio como uma violência simbólica que reforça a dominação e a exploração social.

Adicionalmente, o conceito de “deslocamento epistêmico”, criado pela pesquisadora francesa Lîla Bisiaux, refere-se à necessidade de questionar e desestabilizar as perspectivas hegemônicas de conhecimento, abrindo espaço para outras formas de saber e de ver o mundo. Esse deslocamento epistêmico pode ocorrer a partir do diálogo intercultural, do reconhecimento de outras formas de conhecimento e da valorização da diversidade epistêmica.

O presente texto deriva da investigação de doutorado em andamento intitulada “Emergências de uma Poética Decolonizada na Cena Teatral Contemporânea em São Luís do Maranhão”, sob orientação da professora Evelyn Furquim Werneck Lima na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO. A pesquisa analisa as mudanças estéticas e metodológicas

de perspectivas decoloniais em alguns grupos teatrais de São Luís na atualidade.

A conclusão do artigo sugere que a antropofagia de Oswald de Andrade, um movimento artístico que surgiu no Brasil na década de 1920 e que propunha a “devoração” e reapropriação de elementos culturais de outras regiões do país e do mundo, pode ser uma ferramenta útil para compreender as transformações em curso na cena teatral contemporânea de São Luís do Maranhão.

Essa abordagem se alinha à ideia de justiça epistêmica, que reconhece a importância de valorizar e incluir diferentes perspectivas e formas de conhecimento no processo de produção e difusão de conhecimento. Ao incorporar elementos da antropofagia de Oswald de Andrade, os artistas da cena teatral de São Luís do Maranhão podem estar demonstrando uma atitude inclusiva e pluralista em relação à cultura e à arte, o que pode ser interpretado como uma prática de justiça epistêmica.

PRATO DE ENTRADA

A cidade de São Luís, rica em lendas, mitos e folguedos, tem-se tornado, ao menos na contemporaneidade, palco de algumas mudanças estéticas no cenário teatral. Este tópico aborda como a antropofagia, tema relevante na história da cultura brasileira, vem sendo objeto de reflexão nas artes cênicas, especialmente no Maranhão. O Grupo Artrópode, coordenado pelo professor e dramaturgo Assis Filho, realizou em 2012 uma pesquisa que buscou estabelecer conexões entre a antropofagia e a produção teatral contemporânea, usando como referência o pensamento do poeta Oswald de Andrade. O Teatro do Concreto, por sua vez, tem como um dos eixos de sua pesquisa a reflexão sobre a antropofagia e a cultura popular brasileira. As montagens do grupo dialogam com as tradições culturais maranhenses e as tendências estéticas contemporâneas, tendo a antropofagia como uma das referências. A pesquisa também aborda a atitude² decolonial na construção cênica do teatro brasileiro e como o estudo em questão, conduzido por um sujeito-cientista-artista negro com postura decolonial, se compromete com a realidade teatral de São Luís do Maranhão.

2 O autor trata a antropofagia e a decolonialidade como atitude, pois acredita que tal termo se encontra no campo da ação, embora seja bastante discutido teoricamente o seu teor utópico andradiano.

Antes de nos aprofundarmos nesta reflexão, precisamos destacar que este artigo não traz uma descoberta inédita, dado que a antropofagia já figura como tema de grupos teatrais no Maranhão há alguns anos. A antropofagia desempenha um papel relevante na história da cultura brasileira e serve como objeto de reflexão em diversas áreas, incluindo as artes cênicas.

Um trabalho que traça um elo entre teatro e antropofagia no Maranhão vem da pesquisa desenvolvida pelo Grupo Artrópode, sob a coordenação do professor e dramaturgo Assis Filho. A pesquisa, batizada de “Teatro e Antropofagia: diálogos possíveis” e realizada em 2012, promoveu estudos e experimentações visando construir pontes entre a antropofagia e a produção teatral contemporânea, com o pensamento do poeta Oswald de Andrade servindo como referência.

Da mesma forma, a iniciativa do grupo Teatro do Concreto se destaca, tendo a reflexão sobre a antropofagia e a cultura popular brasileira como um dos pilares de suas pesquisas. Ao incorporar elementos da cultura popular maranhense, como o bumba meu boi e o tambor de crioula, o grupo estabelece um diálogo com a produção teatral contemporânea em suas montagens. Um exemplo dessa abordagem é a peça "Boi de Lágrimas", encenada em 2019. Nesse espetáculo, o grupo oferece uma nova leitura do mito do boi-bumbá, um emblema da cultura popular maranhense, misturando elementos da antropofagia e da produção teatral contemporânea. Na peça, o boi-bumbá é retratado como um ente ambíguo, que ao mesmo tempo em que é oprimido pelos humanos, representa uma força vital com o potencial de transformar a sociedade.

A encenação emprega recursos cênicos tais como projeção de vídeos e uso de objetos e figurinos que aludem às tradições maranhenses, em um diálogo com a linguagem teatral contemporânea. Essa montagem do Teatro do Concreto exemplifica como se pode estabelecer uma conexão entre a cultura popular e a produção teatral contemporânea, utilizando a antropofagia como instrumento para criar uma linguagem original e autêntica.

O espetáculo “O Miolo da Estória”³ é um monólogo de ato único do gênero épico, originário do Maranhão. Dirigido, escrito e interpretado por Lauande Aires, o espetáculo apresenta seis personagens: João Miolo, Nego

³ Este espetáculo pode ser acessado pelo link: <https://www.youtube.com/watch?v=6Tm23rCMMq4&t=527s>

Chico, Amo do Boi, Curandeiro, Cazumbá e a Música, também considerada uma personagem. O monólogo emprega elementos do folclore local na criação das personagens, integrando os movimentos dos brincantes ao longo do processo de construção na sala de ensaio.

A pesquisa de mestrado do autor, intitulada “O ENCONTRO: do acontecimento a um olhar atento - o espetáculo O Miolo da Estória” (Conceição, 2021), embora não tenha se concentrado especificamente na construção do espetáculo, revelou a incorporação de elementos estéticos, musicais e instrumentais do Bumba Meu Boi do Maranhão na obra teatral. A peça se desenrola em dois espaços físicos: a construção civil e a Capela de São Pedro. Experiências pessoais, observações, leituras e diálogos do ator com personagens do Bumba Meu Boi do Maranhão deram origem à construção da peça.

O monólogo “Maria Firmina dos Reis - uma voz além do tempo” emerge como um potente veículo da Justiça Epistêmica. Realçando a vida de Maria Firmina dos Reis, uma mulher negra e abolicionista do século XIX, e incorporando a vivência da atriz Júlia Martins, também negra, do século XXI, a peça desafia a classificação étnica imposta pela colonialidade do poder. De acordo com Aníbal Quijano (2009), tal classificação posiciona as pessoas em uma hierarquia com base em sua raça/etnia, refletindo-se em todas as esferas da existência social, incluindo a subjetividade.

A peça denuncia o uso da categoria “raça” como justificativa para dominação e opressão de pessoas negras, mesmo sem embasamento biológico. A trajetória de Maria Firmina dos Reis se mostra emblemática, ilustrando a subjugação e marginalização de mulheres negras ao longo da história. Paralelamente, a vivência da atriz Júlia Martins realça como as relações de poder ainda se inscrevem no corpo e na vida das pessoas negras contemporâneas.

Desse modo, a peça representa um ato de resistência contra a colonialidade do poder, contribuindo para a busca por uma sociedade mais justa e igualitária. Através de uma perspectiva epistemicamente justa, a obra confronta a hegemonia de narrativas que reforçam a dominação de pessoas negras e reivindica espaço para as vozes que, historicamente, foram silenciadas. O monólogo proporciona uma expansão do diálogo intercultural, permitindo que as histórias e experiências de pessoas negras sejam ouvidas e valorizadas.

• 126

O teatro brasileiro tem se apropriado extensivamente de referências teóricas e metodológicas estrangeiras para moldar suas produções cênicas. Desde questões técnicas, como cenografia, iluminação e figurino, até propostas estéticas e históricas de teatro, como o Teatro Pobre de Grotowski (2013), o Teatro da Crueldade de Artaud (1999/2005), o Teatro Épico, Político e Didático de Benjamin (1985), Piscator (1968) e Brecht (1967), o Teatro Dramático de Szondi (2001), o Teatro Pós-Dramático de Lehmann (2007) e estudos históricos de Margot (2014), todas se tornaram referências.

Porém, ressalta-se a ausência de referências nacionais brasileiras que integrem costumes e tradições dos povos originários na construção teatral e acadêmica. Mesmo as escassas referências existentes ainda se ancoram em conceitos estrangeiros, suscitando questionamentos sobre a decolonização dessas teorias e sua pertinência à realidade do teatro maranhense.

Frente a essa situação, impõe-se a reflexão: essas teorias estrangeiras foram verdadeiramente decolonizadas? Refletem a realidade cultural e artística do teatro maranhense? Comprometem-se com uma pauta decolonial? Esses questionamentos cruciais precisam ser levados em conta no processo de construção teatral, a fim de interromper uma “injustiça epistêmica” (FRICKER, 2007) e cultural e assegurar a diversidade e a pluralidade cultural no teatro brasileiro.

A postura decolonial, neste artigo, surge como uma maneira de desafiar o *modus operandi* do conhecimento colonial dominante e buscar uma alteração de perspectiva em todas as áreas do saber. Tal mudança engloba o reconhecimento e a valorização das perspectivas e conhecimentos gerados por indivíduos historicamente marginalizados, como cientistas negros e indígenas.

O aumento da presença de cientistas negros e indígenas nas academias tem favorecido uma representação mais autêntica das realidades culturais desses grupos. Este estudo também enfatiza a necessidade de desmantelar a noção de que a habilidade na escrita define a inteligência ou o valor epistêmico, já que tal crença tem servido de pretexto para a exclusão de inúmeras vozes e perspectivas do campo acadêmico.

Este artigo, fragmento de uma pesquisa em progresso, demonstra uma prática científica que aprecia o conhecimento e as perspectivas culturais locais, ao invés de impor uma visão de mundo uniforme. Comprometendo-se com a realidade teatral de São Luís do Maranhão, valoriza-se as danças típicas do

Maranhão, como o Bumba meu boi, e lendas e mitos urbanos, como elementos cruciais na criação teatral da região.

Tal abordagem se mostra particularmente relevante para a realização da justiça epistêmica, uma vez que reconhece que o conhecimento não é universal e que culturas e perspectivas distintas têm muito a acrescentar na produção de conhecimento. A postura decolonial deste estudo envolve questionar a alegada superioridade do conhecimento ocidental e considerar como igualmente válidos e relevantes os saberes produzidos por outras culturas e tradições. A análise de transformações estéticas e metodológicas no palco teatral atual de São Luís do Maranhão, fundamentadas em elementos afro-indígenas da cultura local que se tornam protagonistas na criação teatral da região, ilustra essa postura. Este reconhecimento e apreciação das raízes culturais locais é uma maneira de promover a justiça epistêmica, permitindo que diferentes formas de conhecimento e perspectivas culturais sejam representadas e valorizadas.

PRATO PRINCIPAL

O texto propõe a ideia de que determinadas produções teatrais em São Luís estão submetidas a um processo conhecido como antropofagia teatral, que consiste em deglutir a própria cultura na produção cênica. Essa noção se conecta com o tema da justiça epistêmica, que se refere à distribuição equitativa do conhecimento e ao reconhecimento de diferentes sabedorias em uma sociedade.

Questionando o emprego de termos estrangeiros na esfera teatral de São Luís, o autor almeja romper com a “biblioteca colonial” (DIAS, 2014) para obter uma visão decolonial no teatro ludovicense. Tal processo pode auxiliar na promoção da justiça epistêmica ao reconhecer e valorizar os conhecimentos e práticas culturais locais, que frequentemente são subestimados ou ignorados em favor de saberes importados de outras regiões. Desse modo, a antropofagia teatral se configura como uma estratégia para fomentar a justiça epistêmica, já que busca enaltecer a produção cultural local e romper com padrões coloniais de pensamento e criação artística. Segundo Santos (2009), a justiça epistêmica pressupõe o reconhecimento da diversidade de conhecimentos e modos de produção de saber, além de garantir que essas diferenças sejam respeitadas e valorizadas em uma sociedade democrática e diversa.

• 128

Durante sua pesquisa de mestrado, o autor notou mudanças estéticas e metodológicas em alguns espetáculos realizados no Maranhão. Atualmente, ele aprofunda sua análise através do conceito de antropofagia. Na disciplina “Tópicos Especiais em Experiência, Sonoridade, Conceito – Antropofagia”, ministrada pelo Dr. Lúcio José De Sá Leitão Agra⁴ no segundo semestre de 2022, o autor teve a chance de se familiarizar com diversas bibliografias sobre Oswald de Andrade e outros teóricos que dialogam com suas obras, permitindo a expansão da atitude antropofágica.

A partir da concepção de antropofagia estabelecida por Oswald, fundamentada nas práticas tribais dos antigos Tupinambás no século XVI, o autor descobriu que em Pindorama, as terras batizadas pelos indígenas como Brasil, já havia indícios de conceitos atualmente em voga na agenda global, como comunismo, decolonialidade e surrealismo.

Contudo, o autor questiona o uso de certos termos do âmbito teatral em São Luís, como métodos e espetáculo, de origem estrangeira, os quais, segundo ele, "abafam a antropofagia" (ANDRADE, 1970) no teatro ludovicense e esvaziam a perspectiva decolonial que essa pesquisa almeja estabelecer, procurando romper com o que Mudimbe denomina "biblioteca colonial". Essa biblioteca detém raízes que “retroagem à formação da modernidade e da identidade 'ocidental' e cujo núcleo inicial se formou pelas descrições simplistas e racistas dos povos africanos feitas pelos missionários e viajantes e posteriormente incrementada pelos inúmeros estudos realizados durante o período colonial” (MUDIMBE, 1988, 1994 apud DIAS, 2014, p. 9). O objetivo dessa pesquisa reside em romper com esses termos e conceitos ocidentais, visando a uma perspectiva decolonial no teatro ludovicense.

4 Pesquisador graduado (Bacharel) em Letras Português Literaturas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1982), Licenciatura em Letras Português/ Literaturas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1982), Mestrado em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1993) e doutorado em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1998). Atualmente Professor Adjunto da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (empossado em abril de 2016) e membro do corpo permanente do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Produção Contemporânea da UFF. Tem experiência na área de Comunicação e Artes, com ênfase em Semiótica das Artes, atuando principalmente nos seguintes temas: poesia - poética - arte e tecnologias, performance - artes do corpo, performance, poesia - poesia eletrônica e digital e performance- arte, tecnologia e vanguardas, teorias da comunicação. Além dessas atividades também é artista da performance e curador.

Em consonância com as ideias de Boaventura Santos, a existência dessa biblioteca poderia decorrer da "violência epistêmica" que remonta à formação da modernidade e ao "pensamento abissal" (SANTOS, 2014). Essa biblioteca colonial inicialmente se constituiu por descrições simplistas e racistas dos povos africanos por missionários e viajantes, sendo posteriormente ampliada pelos numerosos estudos realizados durante o período colonial. Ela, que representa a história do pensamento ocidental e da colonização, é um claro exemplo da violência epistêmica que moldou o mundo conforme o conhecemos atualmente. As raízes dessa biblioteca estão profundamente enraizadas na exploração e subjugação dos povos africanos e de outros continentes, subalternizando suas culturas e perspectivas. A perpetuação da visão eurocêntrica do mundo pela biblioteca é uma manifestação da violência epistêmica que aconteceu e ainda ocorre no contexto global.

A noção de "deslocamento epistêmico" de Lîlâ Bisaux (2007) dialoga diretamente com a ideia de "violência epistêmica" de Elizabeth Spelman (1982). Bisaux argumenta que o deslocamento epistêmico representa uma forma de resistência à dominação epistêmica, na qual se busca valorizar e vocalizar saberes e práticas marginalizados e subalternizados pela hegemonia epistêmica dominante. O deslocamento epistêmico surgiria como um contraponto à violência epistêmica presente na biblioteca e na história do pensamento ocidental, por meio da valorização dos saberes e perspectivas dos povos africanos e de outros continentes subalternizados. Promovendo o deslocamento epistêmico, é possível ampliar e diversificar o repertório epistêmico, tornando-o mais inclusivo e plural, e dessa maneira desestabilizar a hegemonia epistêmica dominante. Portanto, o deslocamento epistêmico se apresenta como uma estratégia para superar a "violência epistêmica", presente na construção da "biblioteca colonial" (DIAS, 2014) e promover uma transformação mais profunda do pensamento ocidental, incorporando novas perspectivas e saberes marginalizados.

Ao aproximar esses conceitos do contexto teatral contemporâneo de São Luís do Maranhão, pode-se interpretar que diversos grupos têm inserido a cultura local na estética e nos métodos de criação de espetáculos, dando voz aos saberes e perspectivas marginalizados e subalternizados pela hegemonia epistêmica dominante. Esse procedimento encontra reflexo na prática desses grupos teatrais, que se esforçam para promover uma representação mais

inclusiva e plural da cultura local, desafiando a visão eurocêntrica e impulsionando um deslocamento epistêmico.

Esses teóricos enfatizam a necessidade de identificar e confrontar a “violência epistêmica” (SPELMAN, 1982; SANTOS, 2019) presente na história do pensamento ocidental contemporâneo e na construção da “biblioteca colonial” (DIAS, 2014), que subalternizou culturas e perspectivas de povos africanos e de outros continentes. Tal reconhecimento surge como elemento chave para grupos teatrais que almejam envolver-se em práticas decolonizadoras e fomentar uma maior representatividade e diversidade cultural em suas produções. Tais conceitos podem oferecer insights teóricos para explicar o comportamento desses grupos teatrais de São Luís, interpretando que eles buscam impulsionar um deslocamento epistêmico em suas práticas e representações culturais.

A temática da justiça epistêmica torna-se crucial para compreender a importância de romper com a visão ocidental da história e almejar uma perspectiva decolonial no teatro ludovicense. A justiça epistêmica engloba a valorização de distintas formas de conhecimento e a luta contra a exclusão de determinados saberes.

Nessa perspectiva, ao questionar os termos e conceitos ocidentais utilizados para descrever os povos africanos e sua cultura, e ao valorizar as narrativas e saberes africanos, o teatro ludovicense configura-se como uma ferramenta para a reconstrução de narrativas e histórias a partir da perspectiva dos povos africanos. Tal processo mostra-se fundamental para a edificação de uma sociedade mais justa e igualitária, que valorize a diversidade cultural e o respeito à pluralidade de saberes.

A perspectiva decolonial no teatro ludovicense, portanto, representa uma via para buscar a justiça epistêmica, reconhecendo a importância de diferentes formas de conhecimento e saberes. Faz-se necessário superar a visão hegemônica e excludente que se impõe sobre as culturas não ocidentais, e valorizar a diversidade e pluralidade de vozes que compõem a história e cultura da humanidade.

SOBREMESA

O autor aborda a antropofagia sob várias óticas neste tópico. Inicialmente, ele explora a interpretação literal do comportamento

antropofágico, que consiste no ato de ingerir carne humana. Posteriormente, apresenta uma discussão sobre o canibalismo exercido pelos povos primitivos e a simbologia de apropriação das características positivas do adversário. Por meio das reflexões de Oswald de Andrade, este conceito adquire uma dimensão metafórica e alegórica, sugerindo a noção de devorar culturas no sentido intelectual e artístico.

Tal proposta é percebida como um mecanismo de resistência cultural, promovendo a absorção e modificação das influências estrangeiras em algo único e distinto, enaltecendo a criatividade e a autonomia dos indivíduos e culturas. Esta ideia pode ser interpretada também como uma crítica à noção de pureza cultural e à concepção de uma cultura autêntica e imutável, já que incentiva a mistura e a hibridização como elementos constitutivos da cultura.

O fenômeno antropofágico constitui-se em um tema com múltiplas interpretações, dependendo do contexto no qual foi explorado. Literalmente, a atitude antropofágica diz respeito ao ato de ingerir carne humana. Entretanto, ao se discutir sobre o canibalismo praticado pelos povos primitivos no século XVI, entendemos que essa prática ia além da necessidade de obter alimento, ou seja, assimilava um caráter simbólico de apropriação das características positivas do adversário.

A partir das reflexões de Oswald de Andrade, o canibalismo adquire uma dimensão metafórica e alegórica, sugerindo a ideia de devorar as culturas no sentido intelectual e artístico. Esta ideia se traduz no aforismo “Tupi, or not tupi”, criado a partir da mistura da frase de William Shakespeare “To be or not to be, that is the question” com a palavra “tupi” (AZEVEDO, 2018). Este conceito de antropofagia é empregado como uma vertente de interpretação para as mudanças estéticas e metodológicas no teatro contemporâneo.

Os jesuítas interpretaram o canibalismo como um ritual primitivo, mas Eduardo Viveiro de Castro (1992/2016) relaciona essa prática a um gesto simbólico dos indígenas para absorver conhecimentos. Essa interpretação permitiu a Oswald de Andrade postular que a volatilidade dos indígenas resultava de uma intensa aderência a um conjunto de crenças religiosas.

Oswald de Andrade percebe a antropofagia não como um mero ato literal de ingerir carne humana, mas como uma proposta de visão de mundo, uma concepção filosófica da existência. Ele introduz a antropofagia como um paradigma para a sociedade brasileira de 1928, sugerindo uma interpretação radicalmente distinta daquela dos jesuítas e colonizadores do século XVI.

Segundo o autor, existem duas perspectivas da antropofagia: a nativa e a estrangeira. Na primeira, os povos indígenas já aplicavam a psicanálise e o surrealismo séculos antes da invasão estrangeira. Na perspectiva estrangeira, a unidade de um povo é proposta por filosofias importadas, como a de Karl Marx. Oswald de Andrade defendia que a união dos brasileiros não poderia ocorrer pela filosofia de Marx, mas pela antropofagia praticada pelos nativos.

A antropofagia, portanto, emerge como um tema complexo com múltiplas interpretações, compreensíveis a partir de diversas perspectivas, dependendo do contexto em que é explorada. Além disso, pode ser vista como um mecanismo de resistência cultural ao propor a absorção e a transformação das influências estrangeiras em algo próprio e único, em vez da mera imitação ou submissão aos padrões importados.

Nessa visão, a antropofagia de Oswald de Andrade simboliza uma tentativa de construir uma identidade brasileira autêntica e inédita, valorizando a diversidade cultural e a criatividade, em oposição à imitação acrítica dos modelos europeus. Portanto, a antropofagia tornou-se um dos principais alicerces da estética modernista brasileira, influenciando não apenas a literatura, mas também outras artes como a pintura, a música e o teatro. Até os dias atuais, a antropofagia continua sendo objeto de estudo e inspiração para vários artistas e pensadores, que buscam explorar as possibilidades criativas e políticas deste conceito em suas obras e reflexões.

133
• A ideia de antropofagia proposta por Oswald de Andrade não se limita apenas ao contexto brasileiro, mas também pode ser aplicada em outros lugares do mundo como um método para enaltecer a diversidade cultural e a singularidade frente à globalização homogênea. A antropofagia surge como um contramovimento ao colonialismo e à opressão cultural, promovendo a transformação e a incorporação de influências externas em algo próprio e único, estimulando a criatividade e a autonomia cultural.

Essa perspectiva também pode ser vista como uma crítica à ideia de pureza cultural e à noção de uma cultura autêntica e imutável, ao sugerir a fusão e a hibridização como elementos constituintes da cultura. A antropofagia, nesse sentido, apresenta-se como um movimento que questiona as fronteiras culturais e incentiva a abertura e a interação entre diferentes culturas, fomentando o diálogo e a troca de experiências.

Em última análise, a antropofagia de Oswald de Andrade oferece uma maneira de conceber arte e cultura de forma mais aberta e criativa, rompendo

com normas pré-estabelecidas e propondo novas formas de expressão. A antropofagia manifesta-se como um mecanismo de subversão e resistência, incentivando a formação de uma identidade cultural mais dinâmica e receptiva à mudança.

CAFEZINHO

Examinando a estética e a metodologia do teatro contemporâneo de São Luís através da lente da antropofagia de Oswald de Andrade, torna-se evidente a relevância da justiça epistêmica para um equilíbrio justo na capacidade de gerar e autenticar conhecimento na esfera teatral atual. É crucial valorizar as perspectivas decoloniais ao analisar as atuais transformações estéticas e metodológicas na produção teatral local, para assegurar a diversidade e a singularidade da cultura brasileira.

A perspectiva da antropofagia de Oswald de Andrade, ao analisar a estética e a metodologia teatral contemporânea de São Luís, ressalta a relevância da justiça epistêmica para uma distribuição equitativa do poder de produzir e validar conhecimento no cenário teatral atual. O reconhecimento de perspectivas decoloniais é crucial na análise das transformações estéticas e metodológicas em andamento na produção teatral local, assegurando a diversidade e a singularidade da cultura brasileira.

As produções teatrais contemporâneas de São Luís, ao integrar elementos do folclore local em suas criações, realizam uma releitura das tradições culturais maranhenses, resultando em uma poética decolonizada na cena teatral. A antropofagia simboliza um movimento de resistência cultural que busca enaltecer a cultura brasileira, rompendo com os padrões coloniais e modernistas, contribuindo assim para uma distribuição equitativa do poder de produzir e validar conhecimento no cenário teatral contemporâneo.

É imprescindível assumir a responsabilidade por nossa identidade teatral e poética ancestral/territorial e dar voz a cada procedimento e descoberta realizados em cada região do Brasil. O impacto da antropofagia transparece em várias áreas artísticas, incluindo teatro, literatura, música e cinema, evidenciando sua importância e relevância na cultura brasileira. Portanto, a justiça epistêmica torna-se fundamental para valorizar a diversidade cultural e a produção de conhecimento local no cenário teatral contemporâneo de São Luís do Maranhão.

• 134

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Oswald de. *Do Pau Brasil à Antropofagia e às Utopias*. Obras completas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970.

ARTAUD, Antonin. *Linguagem e vida*. São Paulo: Perspectiva, 1995.

ARTAUD, Antonin. *O Teatro e seu Duplo*. Tradução: Teixeira Coelho. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BENJAMIN, Walter. Que é o Teatro Épico? Um Estudo sobre Brecht. In: *Obras Escolhidas: Magia e Técnica, Arte e Política*. Trad. Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BISAUX, Lîlá. Deslocamento Epistêmico: A Construção do Saber Plural. *Revista Brasileira de Educação*, v. 12, n. 34, pp. 363-374, 2007.

BRECHT, Bertolt. Função Social do Teatro. In: Gilberto Velho (Org.). *Sociologia da Arte, III*. Seleção e tradução de Heitor O'Dwyer. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

CASTRO, Eduardo Viveiros de. O Mármore e a Murta: sobre a inconstância da alma selvagem. *Revista de Antropologia*, São Paulo, 1992.

135 • CASTRO, Eduardo Viveiros de. Que temos nós com isso? In: AZEVEDO, Beatriz. *Antropofagia: palimpsesto selvagem*. São Paulo: Cosac Naify, 2016. p. 11-20

CASTRO-GÓMEZ, S. Ciências sociais, violência epistêmica e o problema da “invenção do outro”. In: LANDER, E. *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

CONCEIÇÃO, Raylson Silva da. *O Encontro: do acontecimento a um olhar atento - espetáculo o Miolo da Estória*. São Luís. Dissertação (Mestrado em Teatro) – Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal do Maranhão, 2021.

DIAS, Eduardo Costa. Repensar os estudos africanos: Descolonizar o pensamento, questionar as práticas, reconfigurar as agendas. *Revista Lusófona*

de Estudos Culturais/ Lusophone Journal of Cultural Studies, v. 2, n. 1, p. 7-24, 2014.

FRICKER, Miranda. *Epistemic Injustice: Power and the Ethics of Knowing*. New York: Oxford University Press, 2007.

FRICKER, Miranda. *Epistemologia da justiça*. Autêntica editora, 2019.

GROTOWSKI, Jerzy. *Para um teatro pobre*. 3. ed. Brasília, DF: Teatro Caleidoscópico: Dulcina, 2013.

LEHMANN, Hans-Thies. *O Teatro Pós-Dramático*. Trad. Pedro Süssekind. São Paulo: Cosac e Naify, 2007.

MARGOT, Berthold. *História Mundial do teatro*. Tradução: Maria Paula V. Zurawski, J. Guinsburg, Sérgio Coelho e Clóvis Garcia. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2014.

PISCATOR, Erwin. *Teatro Político*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: Das linhas globais a uma ecologia de saberes. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n. 78, p. 3-46, 2007.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez Editora, 2014.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Para uma pedagogia do conflito*. São Paulo: Editora Cortez, 2019.

SPELMAN, Elizabeth V. Woman as body: Ancient and Contemporary Views. *Feminist Studies*, v. 8, n. 1, p. 109-131, 1982.

SZONDI, Peter. *Teoria do Drama Moderno (1880-1950)*. Tradução: Luiz Sergio Repa. São Paulo: Cosac & Naify Edições, 2001.

• 136

Como citar:

CABRAL FONSECA, M. N.; CONCEIÇÃO, R. S. Devorando a cena: A justiça epistêmica na cena teatral contemporânea ludovicense. **ouvirOUver**, [S. l.], v. 20, n. 1, [s.d.]. DOI: 10.14393/OUV-v20n1a2024-70504. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/ouvirouver/article/view/70504>.



A revista ouvirOUver está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional.